

TEMPORALIDADE E ESPERANÇA NO EXERCÍCIO DO CUIDADO E ACONSELHAMENTO PASTORAL¹

Ronaldo Sathler-Rosa²

Resumo: Este ensaio examina, com um olhar teológico-pastoral, os temas da temporalidade e da esperança. Em seguida, identifica algumas ameaças à esperança na contemporaneidade e algumas das consequências da destruição da esperança. Finalmente, sugere aspectos a serem considerados na elaboração de uma antropologia teológico-pastoral correlacionada aos temas em discussão.

Palavras-chave: Esperança. Temporalidade. Cuidado pastoral.

Temporality and hope in pastoral care and counseling

Abstract: This essay examines the themes of temporality and hope from a pastoral-theological perspective. Following this section, it identifies some threats to hope in contemporary societies and some consequences of destruction of hope. Finally, this essay suggests aspects to take into account in terms of the construction of a pastoral-theological anthropology correlated to the discussed themes.

Keywords: Hope. Temporality. Pastoral care.

Para quem estiver ligado aos vivos, ainda há esperança...³

A esperança é fundamental à vida humana. De fato, se temos que prosseguir como indivíduos e como espécie, a esperança é algo que precisamos tanto quanto pão e água. Todavia, esperança ainda é um tópico negligenciado especialmente entre pesquisadores.⁴

A existência humana nos limites da temporalidade constitui-se como campo privilegiado de atuação do cristianismo e de reflexão da Teologia Prática.⁵ Questões que emergem do estudo do sentido do tempo em perspectiva teológico-pastoral são densas e marcadas por dualidades. Incluem

¹ O artigo foi recebido em 05 de agosto de 2010 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer de 03 de setembro de 2010.

² PhD em Teologia e Teorias da Personalidade, professor titular aposentado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e da Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo. ronaldo.sathler@gmail.com / www.cuidadopastoral.blogspot.com

³ Eclesiastes 9.4, cf. Bíblia de Jerusalém.

⁴ FITZGERALD, Ross. **As fontes da esperança.**

⁵ Teologia Prática é aqui entendida como o processo de elaboração teórico-teológico que se inicia com a observação atenta das questões alçadas pela existência. Seu ponto de partida é, portanto, “este lado do céu”, a existência, a história. Ver HOCH, Lothar Carlos. O lugar da teologia prática como disciplina teológica. **Simpósio**, São Paulo, v. 8, n. 4, set. 1993.

aspectos como as contingências do viver humano e o elevado lugar concedido ao ser humano na Criação; a aspiração pelo futuro como tempo supostamente superior ao atual e, eventualmente, sua não-efetivação; a história como responsabilidade humana e o tradicional alheamento no cristianismo das práticas sociais e políticas que barram o exercício dessa responsabilidade.

Proponho considerar a esperança e a temporalidade como categorias teóricas e práticas para o estudo e orientação da prática do cuidado pastoral em suas modalidades gerais e em sua forma especializada de aconselhamento pastoral. Perpassa esse ensaio a hipótese de que, no tempo chamado hoje, as pessoas se preocupam e tecem planos para o tempo chamado futuro durante parte considerável de sua existência. No entanto, a atenção, por vezes excessiva, ao passado de indivíduos e de famílias tem ignorado o fascínio dos humanos pelo futuro. Fascínio que se expressa em pensamentos, sentimentos e atitudes no presente.

Temporalidade e esperança

A despeito de certo transcendentalismo presente em muitos setores cristãos, que tende a assumir formas alienadas perante as responsabilidades e alegrias da existência histórica, o tempo presente recebe considerável atenção na tradição do cristianismo. A atenção à existência humana, suas contradições, suas certezas e incertezas, suas limitações e potencialidades indicam o amplo e perene espectro do exercício do cuidado pastoral. O pastoreio cristão imerge na concretude das aspirações humanas e nos dramas individuais e sociais. Recorre, para isso, à teologia e às ciências que estudam a personalidade humana e suas interações. Por outro lado, a temporalidade do viver humano é fortemente marcada por sonhos pelo futuro que se traduzem em esperança por “melhores dias” do que o tempo que se situa no hoje.⁶

Em um estudo sobre o lugar do presente e do futuro na prática pastoral, Andrew Lester, professor de Teologia Pastoral na *Brite Divinity School*, no Estado do Texas, EUA, busca em Agostinho (354-430) referências para sua argumentação. Assevera que a noção de temporalidade articula-se com a “certeza lógica” de que

⁶ Para a fé e o pensamento do cristianismo das origens, a distinção temporal entre passado, presente e futuro era fundamental. Não se cogitava da oposição entre o “mundo de baixo” e o “mundo de cima” como categorias importantes, embora essa distinção não fosse inexistente. Não era essencial a oposição espacial. O essencial era a “distinção entre os tempos operada pela fé”. Por exemplo, na conhecida afirmação de Hebreus 11.1 aparece como primeira característica da fé “uma posse antecipada do que se *espera*”, futuro, portanto; a segunda característica “um meio de demonstrar as realidades que não se vêem”, referência a evento temporal. “O caráter nitidamente temporal de todas as afirmações de fé no Novo Testamento está relacionado à importância concedida aos tempos pelo pensamento judaico [...]” Cf. CULLMANN, Oscar. **Christ et le temps**. 2. ed. Neuchatel/Paris: Delachaux & Niestlé, 1966. p. 26-27. (Edição em português: CULLMANN, Oscar. **Cristo e o tempo: tempo e história no cristianismo primitivo**. São Paulo: Custom, 2003.) As traduções são de responsabilidade do autor deste ensaio.

somente o tempo presente é que realmente existe; examina o fato paradoxal de que, “embora o passado já não exista e o futuro ainda não tenha chegado (na verdade nem existe de fato), ambos são existencialmente reais”. O passado e o futuro são considerados “modos conscientes de temporalidade necessários no presente à nossa própria existência e à nossa compreensão do ser”. Daí que o presente não pode ser a única estrutura de tempo existente. Entretanto, nosso presente incorpora a consciência de que temos um passado e que teremos um futuro nos termos de Lester,

memória é o aspecto da consciência que torna o passado disponível no presente. A previsão de *expectativas* é o aspecto da consciência que traz as possibilidades do futuro para o presente. A conscientização conecta os três modos verbais da consciência humana através da memória e da antecipação a um senso unificado do ser. Agostinho sumariza: “o presente das coisas do passado é memória, o presente das coisas do presente é atenção direta, o presente das coisas futuras é antecipação”.⁷

Lester agrega a seu trabalho a contribuição do filósofo Ernst Bloch (1885-1977), que se notabilizou por desenvolver o que tem sido denominado de “filosofia da possibilidade”. Conhecido também como “filósofo da esperança”, desenvolveu uma “ontologia baseada na [ideia da] possibilidade (o que ainda não é)” e uma antropologia da esperança, mesmo que “ainda não consciente”. Segundo Bloch, a abertura na direção futura, “tanto no cosmo como na consciência humana, é o princípio básico do qual emerge a realidade”⁸. Jürgen Moltmann, fortemente influenciado por Bloch, salienta:

a possibilidade está ontologicamente mais elevada do que a realidade, e o futuro antecede o passado. Esta é a nova ontologia [...] a saber: o futuro é o reino das possibilidades. Passado é o reino das realidades. O presente, a linha limítrofe, na qual as possibilidades se realizam ou são desperdiçadas [...].⁹

Bloch elaborou o conceito de “consciência antecipatória”, fundamental em suas obras. Pontuava que a capacidade humana para criar e manter a esperança advinda da consciência antecipatória é

ingrediente essencial da existência humana. Para Bloch, a existência desse fenômeno é a maior peça da evidência que prova a natureza final, aberta, da realidade. Pensava que a existência da esperança tornava o futuro mais aberto, indeterminado, e preenchido com possibilidades maiores do que os filósofos compreendiam.¹⁰

⁷ LESTER, Andrew D. **Hope in pastoral care and counseling**. Louisville: Westminster John Knox Press, 1995. p.12.

⁸ LESTER, 1995, p. 18-19.

⁹ MOLTMANN, 2008, p. 23.

¹⁰ LESTER, 1995, p. 19.

Bloch buscava “nova compreensão da estrutura ontológica básica que modela a natureza da realidade”. Afirmava que a realidade do mundo é aberta a possibilidades objetivas. Rejeita, portanto, um “determinismo mecânico”, como se os rumos da existência fossem imutáveis. Prossegue:

A natureza da realidade não está já no “ser”, mas situa-se adiante, em um futuro final aberto, chamado por Bloch de “ainda não é”. As estruturas ontológicas são abertas para um futuro indeterminado e ainda inimaginável que se revelará enquanto o que “ainda não é” se move em nossa direção.¹¹

Lester, um dos intérpretes de Bloch, salienta que a filosofia da esperança não foi elaborada em contexto teísta; sua perspectiva é fenomenológica. Bloch observava e admirava-se da capacidade humana para imaginar e criar o novo, que se situaria além do que os seres humanos experimentavam em suas atuais circunstâncias. Essas expectativas e antecipações humanas deveriam ser incluídas “como dados ontológicos” a serem considerados como “construtos de visão do mundo”. Entrementes, um alerta: *O princípio esperança*¹² é, além disso, exame atento de várias utopias que têm levado os seres humanos a “desejarem mais do que pode ser realizado em seu mundo presente”.

Erich Fromm (1900-1980), psicanalista alemão, denomina de “esperança passiva” aquela que “espera pelo tempo”. O tempo e o futuro são categorias centrais da esperança passiva. “Não se espera que algo aconteça no *agora*, mas somente no próximo momento, no dia seguinte, no próximo ano, e no outro mundo, se for demasiado absurdo crer que a esperança pode ser realizada neste mundo”. Fromm acrescenta sua crítica: essa forma de pensar a esperança demonstra a “idolatria do ‘Futuro’, da ‘História’ e da ‘Posteridade’” iniciada nos tempos da Revolução Francesa. Essa “adoração” pelo futuro traz consigo a “alienação da esperança. Em vez de algo que faço ou no qual me torno, os ídolos, o futuro e a posteridade realizam alguma coisa sem que eu nada faça”. A espera pelo tempo, a esperança passiva é “forma disfarçada de desesperança e impotência”¹³.

Fromm salienta:

A esperança é *paradoxal*. Não é nem uma espera passiva nem um forçar irreal de circunstâncias que não podem ocorrer [...] Ter esperança significa estar pronto a todo momento para aquilo que ainda não nasceu e todavia não se desesperar se não ocorrer nascimento algum durante nossa existência. Não faz sentido esperar pelo que já existe ou pelo que não pode ser.¹⁴

¹¹ BLOCH apud LESTER, 1995, p. 19.

¹² *O princípio esperança* é título da obra em 3 volumes de Ernst Bloch, publicada em 2005 e 2006, no Rio de Janeiro pela editora Contraponto. Citação da p. 19.

¹³ FROMM, 1977, p. 25-26.

¹⁴ FROMM, 1977, p. 27.

Fromm¹⁵ distingue, também, entre esperança consciente e esperança inconsciente. Na esperança consciente, as pessoas assumem o que realmente *sentem*, e essa condição torna-se identificável em sua postura física, congruência entre a fala e sua mediação pelo corpo e formas de se relacionar com suas externalidades. A esperança inconsciente manifesta-se no indivíduo que não admite, em palavras, o que realmente se passa em seu interior. A negação é, supostamente, antídoto ao seu estado. Entretanto, sinais externos como “expressões faciais, maneira de andar, capacidade de reagir com interesse a algo diante de seus olhos” denotam o mundo interno verdadeiro da pessoa.

A esperança é um “estado de ser. É uma disposição interior, aquela atividade intensa, mas ‘ainda não gasta’ [...] é um acompanhamento psíquico da vida e do crescimento [...] A esperança é um elemento intrínseco da estrutura da vida, da dinâmica do espírito” humano. Ademais, as concepções de esperança estão associadas a outra experiência humana: a fé. “A fé não é uma forma fraca de crença ou conhecimento; não é a fé nisto ou naquilo; a fé é a convicção sobre o que ainda não foi provado, o conhecimento da possibilidade real, a consciência da gravidez.” Não perde sua racionalidade ao considerar o “conhecimento do real que ainda não nasceu”. A fé fundamenta-se na “capacidade de conhecimento e compreensão, que penetra a superfície e vê o âmago. A fé, como a esperança, não é a previsão do futuro; é a visão do presente num estado de gravidez”¹⁶.

Porém, ressalte-se que a fé é “certeza sobre a realidade da possibilidade” do surgimento do novo, da transformação e não a certeza no “sentido da previsão indiscutível. A criança pode ser natimorta prematuramente; pode morrer no parto; pode morrer nas duas primeiras semanas de vida. Este é o paradoxo da fé: *é a certeza do incerto*”. A segurança da fé, na perspectiva de Fromm, advém da compreensão das potencialidades humanas. Não se baseia, portanto, em garantia de resultados decorrentes dessas capacidades humanas. Prossegue Fromm: “Não precisamos de fé naquilo que é cientificamente previsível, nem tampouco pode haver no que é impossível. A fé é baseada em nossa experiência de vida, de nos transformarmos”. A experiência pessoal da possibilidade da transformação conduz à fé de que outros, também, podem mudar. A esperança, portanto, alicerça-se na fé e é companheira da fé. Sem a esperança, a fé não se sustentaria. A fé não poderia ser sustentada sem o estado de espírito da esperança.¹⁷

Lembra-nos ainda Fromm que a fé, a esperança e a ressurreição (descrita por Fromm não como a “criação de *outra realidade* segundo a realidade *desta* vida, mas a transformação *desta* realidade rumo à maior vivência”) têm nos profetas do Primeiro Testamento seu paradigma por excelência. Esses profetas “não predizem o futuro como uma Cassandra ou como o coro da tragédia grega; eles vêem a rea-

¹⁵ FROMM, 1977, p. 27-28.

¹⁶ FROMM, 1977, p. 29-31.

¹⁷ FROMM, 1977, p. 31-32.

lidade presente livre das vendas da opinião pública e da autoridade”. Erguem sua voz “para dizer quais as possibilidades que eles vêem e [para] mostrar às pessoas as alternativas e avisá-las [...] A linguagem profética é sempre a linguagem das alternativas, da escolha e da liberdade; jamais a do determinismo [...]”.¹⁸

Ameaças à esperança

Quais são algumas das experiências humanas que ameaçam o viver esperançosamente? Donald Capps, professor de Teologia Pastoral no *Princeton Theological Seminary*, identifica três: desespero, apatia e vergonha. São atitudes internalizadas e bem estabelecidas que colocam em risco a esperança.

Desespero: não há futuro

Capps define desespero como a “percepção de que aquilo que desejo não acontecerá, sensação de que o que é factível para outros não o é para mim, apesar de desejá-lo muito”.¹⁹ O sentimento de desespero ganha formas discursivas: “tenho desejos, mas não há razão para tê-los, pois jamais acontecerão comigo”; ou projeta seus desejos para outros: “é claro que aquilo que desejo é teoricamente possível, possível para outros, mas, por razões que têm a ver com minha vida pessoal e minhas circunstâncias pessoais, essas coisas representam uma impossibilidade para mim”.

Apatia: indiferença

A apatia caracteriza-se por desinteresse pelo que está acontecendo com o indivíduo e com outros; ausência de desejos, indiferença. Capps²⁰ faz distinção entre os efeitos da apatia em dois tipos de comportamentos humanos caracterizados como acedia e sociopatia. Acedia em grego significa “estado descuidado”. Reflete-se em condição tendente ao isolamento social, à contração de enfermidade, à preguiça e apatia. O mundo torna-se desinteressante e perde-se a esperança. Já o comportamento apático descrito como sociopatia é marcado por ausência total de esperança quanto ao futuro remoto. Indivíduos que sofrem de sociopatia não

¹⁸ FROMM, 1977, p. 35. Sobre a fé, ver também: TILLICH, Paul. **A dinâmica da fé**. São Leopoldo: Sinodal, 1980; FOWLER, James W. **Estágios da fé**. São Leopoldo: Sinodal, 1992; RICOUER, Paul. **El lenguaje de la fe**. Buenos Aires: Megapolis, 1978. Sobre as relações entre fé e ação profético-pastoral, a leitora e o leitor poderão consultar: BOFF, C. Fé e política: alguns ajustes. In: OLIVEIRA, Pedro Ribeiro (Org.). **Fé e política – fundamentos**. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2004; JOSAPHAT, Carlos. Política, espaço privilegiado para a prática da fé. IN: PINHEIRO, José Ernane (Org.). **Resgatar a dignidade da política**. São Paulo: Paulinas, 2006; SATHLER-ROSA, Ronaldo. **O sagrado da política: a dimensão esquecida da prática cristã**. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

¹⁹ CAPPS, Donald. **Agents of hope: a pastoral psychology**. Minneapolis: Fortress Press, 1995. p. 100.

²⁰ CAPPS, 1995, p. 107ss.

acalentam esperanças além de seu presente mais imediato. Mesmo aqueles desejos mais imediatos tornam-se difíceis, ou impossíveis de serem realizados, porque não existem aspirações em relação ao futuro distante com os quais os desejos mais próximos estejam relacionados.

Vergonha: a humilhação de esperanças destruídas

Talvez essa seja uma das mais dolorosas experiências humanas. As humilhações impostas por membros da família, por colegas de escola, especialmente durante a adolescência, geram sofrimento e, em situações extremas, estabelecem condições para futuras disfunções no convívio mais íntimo e em outros relacionamentos. A relação com a esperança deve-se ao “fato de que a vergonha é, com frequência, nossa reação, sentida profundamente, [diante] do fracasso da materialização de nossas esperanças”. Os sentimentos mais comuns associados à vergonha são sentimentos de culpa (geralmente indevida); sensação de estar exposto ao ridículo, ou menosprezado, por outros; embaraço; sentir-se humilhado; imagina-se que outros “tenham pena” de si e até sentimentos de sua própria estupidez.²¹

Como explicar que essa força denominada esperança e seu aliado natural, a fé, desapareçam em tantos, que permanecem em estado de apatia e sofrimento? À indagação, Fromm responde que o desvanecimento da esperança é marca inevitável da existência humana:

Começamos com a esperança, a fé [...] elas são as qualidades inconscientes de “não-pensamento” do espermatozoide e do óvulo, da sua união, do crescimento do feto e de seu nascimento. Mas, quando a vida começa, as vicissitudes do ambiente e do acidente principiam a incrementar ou bloquear o potencial da esperança.²²

Fromm aponta outros elementos “destruidores da esperança”. Um deles é a *mentira*. A expectativa comum a nós humanos de sermos amados, cuidados e respeitados e de podermos confiar em nossos “significativos outros” defronta-se com o engano. “Quando éramos pequeninos, ainda não conhecíamos a invenção humana da mentira – não só da mentira com palavras, mas também com a voz, gestos, olhos e com a expressão facial.” Damo-nos conta, então, de que somos enganados até mesmo pelas pessoas mais próximas, como pais, professores e outros que exercem influência direta sobre nossas vidas.²³

Não obstante, as experiências de desapontamento, rejeições e outras similares podem resultar em novas compreensões que fortalecem o indivíduo, tornando-o um “esperançoso realista”. O risco é enveredar-se pelo trajeto fácil da adaptação ao “otimismo mediano”. “Enquanto todo mundo assobia, essas pessoas também

²¹ CAPPS, 1995, p. 123.

²² FROMM, 1977, p. 37.

²³ FROMM, 1977, p. 37.

assobiam, e, em lugar de sentirem sua desesperança, elas parecem participar de uma espécie de concerto *pop*.” Diminuem suas exigências e expectativas e anulam sua capacidade de sonhar. Adaptam-se, acomodam-se ao mediano clima de suas culturas. Negam seus sentimentos de desesperança, pois vivem numa sociedade em que o padrão é que todos sejam sempre “vitoriosos”. E esse padrão irrealista é alimentado, inclusive, por conhecidas pregações de algumas religiões. De acordo com Fromm, indivíduos assim padronizados “oferecem o quadro de um tipo peculiar de otimismo resignado que vemos em tantos membros da sociedade ocidental contemporânea – sendo o otimismo normalmente consciente e a resignação inconsciente”.²⁴

Fromm, considerado um psicólogo culturalista, lembra que também o contexto sociocultural é, igualmente, gerador de desesperança: “Não é apenas o indivíduo que vive pela esperança”. Nações e sociedades também se nutrem da “esperança, fé [...] e, se perdem esse potencial, desaparecem – ou pela sua falta de vitalidade ou pela destrutibilidade irracional que desenvolvem”. Assim, o potencial da esperança, ou de sua ausência, em pessoas e famílias é influenciado consideravelmente pela atmosfera cultural onde se inserem. As experiências subjetivas, na infância ou adolescência, que gravaram na psique humana a desesperança podem ser processadas favoravelmente e transformadas pela prevalência de ambiente sociocultural que infunda a esperança. O reverso é, contudo, também verdadeiro: a esperança, sedimentada em outros tempos, pode transmutar-se em desesperança quando essa é a atmosfera psicossocial de seu país ou comunidade.

Quais seriam algumas das consequências da perda da esperança? Fromm menciona duas consequências. A primeira é denominada de “endurecimento do coração”. Manifesta-se quando os desapontamentos se tornam tão preponderantes que as pessoas “decidem” que serão, a partir de determinado ponto em suas existências, “intocáveis”. Suas mágoas foram tão marcantes que se cristalizaram em forma de armadura de proteção contra qualquer outro ataque. Tornam-se insensíveis a qualquer manifestação que lhes cause sofrimento. No entanto, passam a magoar outros. Atribuem sua condição ao “destino”. A reviravolta se dá quando encontram alguém que lhes desperte empatia e confiança e “as sementes da esperança, que pareciam ter sido totalmente destruídas, germinam”²⁵.

A violência é outro resultado da perda da esperança. Visto que os humanos precisam da esperança para viver plenamente “aquele cuja esperança foi totalmente destruída odeia a vida”. Sem poder para suscitar a vida, procura destruí-la. Surge, assim, o desejo de vingança, que se transforma em violência, “pela sua vida não vivida e o faz lançando-se à destrutibilidade total, de modo que pouco se lhe dá se ele destrói outros ou é destruído”. É comum encontrar-se esse comportamento em reação à destruição da esperança entre pessoas alijadas dos benefícios sociais e econômicos da sociedade. No entanto, “não é basicamente a frustração econômica

²⁴ FROMM, 1977, p. 37-38.

²⁵ FROMM, 1977, p. 38.

que conduz ao ódio e à violência; é o desespero da situação, as sempre repetidas promessas não cumpridas, que igualmente conduzem à violência e à destrutibilidade”²⁶.

A antropologia teológico-pastoral e os temas da temporalidade e da esperança

Tratarei a seguir de mencionar alguns elementos que, a partir dos indicativos deste ensaio, devem pautar a elaboração de uma antropologia teológica que seja pertinente ao exercício do cuidado pastoral. Esses elementos, no meu entender, devem compor o repertório teórico de quem se dedica ao cuidado pastoral. Além disso, essas indicações são significativas para integrar-se ao quadro teórico que permita melhor compreensão das condições da existência humana e sua interferência na vitalidade das pessoas que recorrem à ajuda pastoral. Acompanho, a seguir, Lester.²⁷

Primeiro, a temporalidade humana deve ser considerada como fundamento da antropologia teológica. Trata-se da consciência do tempo como elemento fundamental do contexto existencial humano. Vivemos uma condição de multiplicidade: temos um passado, um presente e um futuro. Existência autêntica implica reconhecer os fatos do nosso passado, viver com a liberdade que nos é dada em nosso presente e, ao mesmo tempo, abrir o caminho para as possibilidades que se descortinam para o futuro.

A contínua busca de compreensão da existência humana exige de cuidadores e de cuidadoras pastorais um conhecimento da pessoa na perspectiva das três dimensões do tempo. Indagações do tipo “abre portas”, tais como: “que melhores lembranças trazes de teu passado?”; “E as mais desagradáveis?”; “Que sonhos animam hoje tua vida?”; “Como vê o futuro?” podem estimular as pessoas a narrarem suas histórias. Nos termos de Lester:

Compreender a nós mesmos plenamente é lembrar nossa temporalidade, é lembrar que em nosso tempo presente estamos cercados pelo tempo passado e pelo tempo futuro. O cuidado pastoral e o aconselhamento com pessoas contaminadas por ausência de esperança envolvem ajudá-las a avaliar sua atitude para com cada dimensão do tempo.²⁸

É amplamente reconhecido que diversas práticas psicoterápicas e pastorais, sob a influência da psicanálise e de outras correntes psicológicas, têm sido fortemente concentradas no exame das condições passadas e presentes de indivíduos. Não há como negar que o escrutínio cuidadoso e ético das condições pretéritas e atuais das pessoas que procuram solidariedade pastoral é de inestimável valor para

²⁶ FROMM, 1977, p. 38-39.

²⁷ LESTER, 1995, p. 22-24.

²⁸ LESTER, 1995, p. 24.

a compreensão das aflições e expectativas humanas. Entretanto, pouca atenção tem sido dada ao papel que o futuro desempenha nas construções de sentido no presente tendo como referência o futuro. Em geral, há certa tendência a supervalorizar-se o passado da pessoa na prática de aconselhamento pastoral em detrimento dos anseios e sentimentos do presente em relação ao futuro. Esses sentimentos de anelo pelo que “ainda não existe” povoam a imaginação humana, influenciam as condições do presente e são influenciados, igualmente, “pelo que aconteceu em seu passado e está acontecendo em seu presente”. Assim, vale lembrar que as pessoas no presente “foram formadas por percepções do futuro vindas àquela pessoa em cada ponto de sua história. Em cada ponto no passado, ele ou ela estava também projetando-se ao futuro”. A antropologia teológica deve prover-nos de base que realce e examine as influências das três dimensões do tempo sobre o ser humano.²⁹

Segundo, a dimensão temporal do futuro traz uma contribuição singular à vida humana. A esperança é primordialmente relacionada à nossa projeção, consciente ou inconsciente, de expectativas e investimento, no presente, na consciente dimensão do futuro. A ênfase exclusiva na experiência da existência humana no passado ou no presente não permite uma plena percepção da dinâmica da esperança, ou de seu antônimo, o desespero. O futuro é a dimensão de finitude, que é menos determinada e, simultaneamente, a dimensão de tempo que potencializa o crescimento em maturidade, o desenvolvimento do ser e o constante evoluir-se na direção do plenamente humano.

Terceiro, a antropologia teológica desenvolvida pelos denominados “teólogos escatológicos” presta relevante contribuição à Teologia Prática. Contribuição exponencial vem de Jürgen Moltmann, que se valeu de estudos seminais de Ernst Bloch. Moltmann pontua: “Para viver com esperança é preciso desenvolver o ‘senso de possibilidade’ (*Möglichkeitssinn*). O realismo nos ensina o senso de realidade. A esperança, em contrapartida, nos ensina o ‘senso de possibilidade’”.³⁰ Além disso, a esperança ensina-nos a resistência diante do (supostamente) imutável e a nos conservar firmes, em protesto, “como seres insatisfeitos e inquietos num mundo injusto e não redimido”.

Em quarto lugar, a temporalidade é tanto “marca de nossa finitude quanto qualidade que estabelece parâmetros para nossa identidade enquanto criaturas”. A consciência do tempo torna-nos restritos dentro dos limites de nossa finitude e habilita-nos com a liberdade para nos tornar o que podemos ser. As qualidades antecipatórias exprimem a liberdade humana para buscar, desejar e para o esperar ativo pelos desdobramentos rumo à integralidade do ser.

²⁹ LESTER, 1995, p. 24-25.

³⁰ MOLTSMANN, 2008, p. 24-25.

Conclusão

Em resumo, as categorias temporalidade e esperança são chaves de leituras significativas para a compreensão de situações e problemas vividos por pessoas, famílias e comunidades. É, também, construto teórico de legitimização de práticas pastorais. Tarefa adiante, em meu entender, é consolidar certa arquitetura teórica que cimente as práticas. Este ensaio revisitou estudos pastorais que têm examinado o tema da esperança como fator humano vital nos limites da temporalidade. Identificou algumas das ameaças à esperança que surgem do próprio contexto existencial dos indivíduos e considerou algumas das consequências da destruição da esperança. Finalmente, essas anotações indicaram perspectivas a serem consideradas por uma antropologia teológico-pastoral que intente realçar os temas da temporalidade e da esperança nas práticas do cuidado pastoral. A temporalidade e – seu cognato – a esperança são consideradas categorias de compreensão do convívio humano, do viver no mundo e de sua constante transformação para o futuro na direção da comunhão, da paz com justiça.

Referências bibliográficas

- BOFF, C. Fé e política: alguns ajustes. In: OLIVEIRA, Pedro Ribeiro (Org.). **Fé e política** – fundamentos. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2004.
- CAPPS, Donald. **Agents of hope: a pastoral psychology**. Minneapolis: Fortress Press, 1995.
- CULLMANN, Oscar. **Christ et le temps**. 2. ed. Neuchatel/Paris: Delachaux & Niestlé, 1966.
- FOWLER, James W. **Estágios da fé**. São Leopoldo: Sinodal, 1992.
- FROMM, Erich. **A revolução da esperança**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- HOCH, Lothar Carlos. O lugar da teologia prática como disciplina teológica, **Sim-pósio**, São Paulo, v. 8, n. 4, set. 1993.
- JOSAPHAT, Carlos. Política, espaço privilegiado para a prática da fé. IN: PINHEIRO, José Ernane (Org.). **Resgatar a dignidade da política**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- LESTER, Andrew D. **Hope in pastoral care and counseling**. Louisville: Westminster John Knox Press, 1995.
- MOLTMANN, Jürgen. **Vida, esperança e justiça**. Um testamento teológico para a América Latina. São Bernardo do Campo: Editeo, 2008.
- RICOEUR, Paul. **El lenguaje de la fe**. Buenos Aires: Megapolis, 1978.
- SATHLER-ROSA, Ronaldo. **O sagrado da política: a dimensão esquecida da prática cristã**. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.
- TILLICH, Paul. **A dinâmica da fé**. São Leopoldo: Sinodal, 1980.